

maior no território, a Espanha. De olho no rendimento que os dízimos proporcionariam à coroa em função do comércio das tropas, iniciou-se a doação de sesmarias por volta de 1730, ano em que um Francisco Pinto Bandeira, pai de Rafael Pinto Bandeira (que ficaria conhecido por deter a 2ª invasão castelhana em 1773) já possuía duas na região dos arredores de Viamão.

As sesmarias, então doadas a pessoas de posses ou de prestígio, serviram de base à implantação de estâncias, em cujos campos o gado, sob um costeiro antes ignorado, prosperou grandemente. Da mera caça aos bois e aos cavalos, no campo indiviso, passava-se agora a uma nova fase, que iria abrir à estância, no seu sentido clássico de estabelecimento destinado à criação de gado...⁸

Para dominar os rebanhos era preciso enfrentar os castelhanos nessa área de fronteiras ainda incertas. Por isso, o tropeiro e seu bando andavam sempre armados. Logo após o início das concessões de sesmarias, em 1737, o Forte Jesus-Maria-José foi construído para dar suporte a futuros procedimentos militares. Do povoado circunvizinho, formou-se a vila e futura cidade do Rio Grande.

Conforme coloca Vera Lúcia Barroso esse estratégia militar garantiria a expansão do povoamento em Rio Grande, Campos de Viamão, de Tramandaí e de Vacaria. “Sesmeiros construíram capelas aos santos devotos, o que atraía moradores, propiciando

a delimitação territorial da jurisdição eclesiástica para o estabelecimento de uma freguesia.”⁹

Os dados a seguir nos dão uma mostra da evolução deste processo¹⁰:

Cidade	Início do povoamento	Vila e sede de Município	Munic.	Cidade
Porto Alegre	1732	1808/09	1810	1822
Rio Grande	1737	1747	1751/1809	1835
Rio Pardo	1750	1809	1811	1846
Triunfo	1754	1831	1832	1938
Pelotas	1763	1830	1832	1835
S. José do Norte	1763	1831	1832	1838
Taquari	1764	1849	1849	1891
Viamão	1740	1880	1880	1938

No primeiro ano do século XIX, os portugueses retomaram definitivamente os Sete Povos das Missões, sob a administração espanhola desde a expulsão dos Jesuítas em 1756, domínio que fora legitimado pelo tratado de Santo Ildefonso (1777). Urgia à administração portuguesa, entretanto, estruturar e organizar o espaço, política e administrativamente.

Iniciava-se a chamada fase da organização, processo que vai se dar na primeira metade do século XIX no Rio Grande do Sul, consolidando a urbanização dos povoados que já se formavam desde o século passado e criando novos núcleos.

A vida municipal do Estado teve início com a Provisão de 7 de outubro de 1809, proposta do governador Paulo da Gama, que dividia o território em quatro grandes

político liberal e pioneiro na navegação a vapor, escreveu em suas *Memórias Econômico-Políticas*¹⁴ a respeito de variadas questões administrativas, municipalidade, agricultura, comércio, etc.

Feita a apresentação de nossos cicerones, passemos então a nossa visita à cidade colonial rio-grandense, seguindo os passos desses estrangeiros e pegando carona no estranhamento que os fez descrever o que viam.

Na quinta e última memória de Gonçalves Chaves, notícia sobre a cidade de Porto Alegre, a capital (que denomina curiosamente de Alacriportus) da província, as ruas são designadas como sofrivelmente alinhadas e niveladas o melhor possível, mas as calçadas não eram bem construídas uma vez que não havia bons calceteiros. De acordo com o levantamento de Paulo da Gama (governador no período). Porto Alegre teria 3.927 habitantes em 1803, passando a 6.111 em 1814¹⁵. Duas décadas depois, Isabelle diz que a cidade teria por volta de 12 mil habitantes e freqüentemente se ocupava em nivelar os terrenos e alinhar as ruas providas de calçadas, caracterizando uma cidade bastante regular. A rua da Praia e a da Igreja possuíam lindas casas, assim como toda parte baixa da cidade à margem das águas.¹⁶

O processo de urbanização desenvolvia-se, assim, rapidamente. Segundo Charles Monteiro, as três primeiras ruas a constituir a rede de caminhos em Porto Alegre foram as atuais Andradas, Duque de Caxias e Riachuelo.¹⁷ Não possuíam esses logradouros e tampouco um só nome. Mudavam de nome ao longo do percurso. Só receberiam calçamento, irregular, por volta de 1840. A

iluminação, a partir de 1832, era feita com candeeiros de olho de peixe. Os residentes dessas ruas eram os comerciantes, as autoridades do governo e as famílias mais abastadas. Ali estavam os sobrados de pedra e cal. O contraste dava-se pela comparação com os becos que cortavam essas principais ruas. As vielas caracterizavam-se pelos casebres de taipa e palha, que abrigavam a população pobre, composta de mascates, taverneiros, artesãos, marinheiros, carregadores, libertos e prostitutas.

A cidade, desde períodos bastante recuados em nossa história já se caracterizava por espaços polissêmicos, onde o trabalho e a sociabilidade se revezavam. A praça da Matriz reunia os poderes públicos e religiosos, as festas do clube da Bailante e os festejos religiosos. As procissões partiam da praça, caracterizando um espaço de síntese. Festas religiosas, como a do Divino, a Páscoa e a Quaresma, reuniam toda a população – senhores e escravos, ricos e pobres.¹⁸

O primeiro código de Posturas Policiais, disciplinando a ocupação do espaço urbano em Porto Alegre, surge em 1829, regulamentando a coleta d'água, a lavagem de roupa dos hospitais, o despejo de esgotos e lixo.¹⁹ Tais medidas higienistas, entendamos a posteriori, serviriam também para uma profilaxia social. “Os Códigos de Posturas, antes dos planos de urbanização, assim como a Guarda Municipal, foram importantes instrumentos de controle político do meio urbano.”²⁰ As diversas reformas que se seguiriam no processo de modernização da cidade (regularização da coleta do lixo por lei municipal, 1876; saneamento, 1878; serviços

R
E
V
I
S
T
A
D
E

H
I
S
T
Ó
R
I
A

·
·
·
·
·
·
·
·
·
·

condições de instalação da maioria, a situação da medicina era das mais precárias na cidade do Rio Grande. O médico alemão que conversara com Luccock mostrara-lhe dentre seus instrumentos de trabalho uma serra enferrujada que servia para fazer amputações. E não eram só esses os motivos de agrura para os acometidos de doenças e desgraças. De acordo com as leis coloniais portuguesas os boticários deveriam ter sobre os balcões dois livros de receitas como guia. Seu ofício ficaria restrito a diagnosticar a doença para a qual os sábios de Lisboa já haviam prescrito a cura invariável. O resultado não poderia ser outro senão confusão. O vocabulário empregado lhes era completamente estranho. Considerado homem de estudo, Luccock era procurado por muitos pacientes pedindo conselhos para se curarem. “Não somente a ciência médica, como qualquer ciência, é ali planta exótica” – relatava o escritor.⁴¹

Esses juízos dos viajantes nos indicam a situação de pobreza e as insuficientes condições de habitação dos primeiros núcleos urbanos no Rio Grande do Sul. A análise desses registros deve ser feita levando em consideração a carga cultural dos seus escritores. Isso não constitui um aspecto negativo. Pelo contrário, trata-se de um elemento enriquecedor em sua escrita. Suas considerações têm como parâmetros de comparação as experiências trazidas das nações de origem. Escreviam sob a mediação da alteridade, que os levava a registrar características que para os habitantes locais passariam despercebidas ou como normais, indignas de crédito e registro. Graças a essa postura de estranhamento, podemos nos

aproximar de vários elementos possíveis naquele momento histórico. Exemplifiquemos com a consideração de Luccock a respeito da rusticidade das condições de existência experimentadas pelos habitantes: “Ninguém que possua alguma experiência do mundo, e ignore os hábitos deste seu recanto especial, poderá fazer idéia de quão poucas são as necessidades que seu povo demonstra ter e quão generalizado é seu pouco caso pelo luxo.”⁴² Ora, se levarmos em conta que a idéia de luxo do autor é a européia, ou de outras partes do mundo, como ele escreve, concluiremos que a vida aqui era mais simples que aquela, o que não significa que ele esteja certo ao considerar que suas demandas eram menores. O que para o historiador possui maior valor são, ainda que seja uma constatação simples, os dados objetivos e descritivos que os escritores registraram. Nesse caso, a de uma vida simples, miserável, paupérrima, etc. O mesmo raciocínio pode ser usado para entender Isabelle, que escreveu que as mulheres dessa província não eram nem belas, nem graciosas, sendo, porém muito vivazes na intimidade.⁴³

Luccock parecia ter noção desta bagagem cultural adquirida, bem como de sua transferência:

Embora tais habitações, com seu mobiliário e acomodações, possam, na Inglaterra, ser consideradas como grandemente falhas, não resta dúvida de que os brasileiros nelas gozam de uma profunda sensação de conforto, pois que depende esta menos da situação de fato do que dos

hábitos contraídos. Aquele cujo agarramento às coisas e hábitos de um país de há muito firmado é inflexível, jamais poderá adaptar-se aos de uma terra nova, o que não impede que, considerando-se em abstrato, o último destes dois é que deve ser tido por mais venturoso.⁴⁴

A alegria e a vivacidade não eram características só das mulheres, nem próprias apenas da intimidade. Segundo Luccock, as pessoas do Rio Grande pareciam bem-humoradas e dadas ao divertimento. O viajante inglês, assim como outros ingleses ali estabelecidos, na falta dos costumeiros cafés, restaurantes e bilhares fundaram um clube inglês, onde se reuniam.⁴⁵ Na casa do vigário, considerado pai da comunidade, aberta a católicos e “heréticos”, havia conversas animadas, jogos de carta e dança. Isso nos indica que as sociabilidades nessa cidade davam-se no espaço doméstico. Vejamos o interior das casas.

O INTERIOR DAS CASAS: ASPECTOS DA RUSTICIDADE

No terceiro capítulo da já citada “*História da Vida Privada no Brasil*”, Leila Mezan Algranti enfoca a vida doméstica, tomando suas características a partir dos elementos contextuais que integraram o período: condição colonial, precariedade de recursos, falta de mulheres brancas, presença da escravidão, etc. Para aproximar-se desse objeto tão minucioso, a autora vale-se de

fontes como inventários e testamentos, escritos de cronistas e viajantes, correspondências e devassas. Por vezes, a autora faz menção aos limites de algumas dessas fontes, como no caso do pai de família que, pela análise do inventário, poderia ser lido como partícipe da vida familiar, mas que se ausentara por décadas em Serviço da Coroa. Em outros momentos, demonstra a importância das mesmas, por exemplo a atenção dispensada pelos viajantes ao descrever o asseio e a higiene das casas simples em que buscavam abrigo. Tais fontes são como que cacos do passado e, sob a mão do historiador são amalgamadas, numa colagem de fragmentos para engendrar a (re)construção do cotidiano nesse passado.

A autora observa tanto o exterior quanto o interior das casas, a fim de identificar indícios sobre as formas de morar e sobre a intimidade no período colonial. “

Nas vilas e cidades, por exemplo, nos três primeiros séculos da colonização, o aspecto das moradas apresentava-se bastante simples e pobre, uma vez que eram povoadas por pessoas com poucos recursos, e visitadas ocasionalmente pelos proprietários de sítios e fazendas que necessitavam apenas um abrigo para estadias passageiras.⁴⁶

Luccock descreveu o solar que alugara na Vila do Rio Grande. Como muitas casas na região, possuía um único pavimento térreo, tinha uma sala com frente para a rua iluminada por uma única janela sem vidros

gaudérios, agregados, etc. O escravo, no Rio Grande do Sul, era, salvo os empregados nas charqueadas, basicamente urbano. Não é despropositada nossa inserção da questão do escravo no ponto em que tratamos dos objetos do interior das casas. Da aparente contradição do cronista, somos levados àquela conhecida afirmação de que a escravidão nenhuma cabe o qualificativo de boa. Sofriam as mais severas brutalidades, como coloca Isabelle:

[...] se resmungam são ligados ao primeiro poste e então o senhor e senhora vêm, com grande alegria no coração, para ver como são flagelados até verterem sangue aqueles que não têm, muitas vezes, outro erro que a inocência de não ter sabido adivinhar os caprichos de seus senhores e patrões! [...] ⁵¹

Os ferimentos eram “curados” facilmente com sal e pimenta, castigo que evitava infecções.

Gonçalves Chaves, já em 1817, falava da infeliz sorte dos pretos escravos e preocupava-se com o olhar do mundo por meio dos viajantes estrangeiros que por aqui passassem. Colocava, como se natural daqui fosse: “que vergonha não será a nossa quando algum escritor estrangeiro, cuja imparcialidade e sabedoria torne seus escritos atendíveis, faça conhecer por fora o que somos por dentro.” ⁵² Claro que não podemos esquecer que a motivação de sua insuspeita atitude altruísta na defesa dos negros residia no pensamento político liberal, e quem sabe o olhar para a mão-de-obra imigrante, que chegaria a partir

de 1824. Continua então: “Como deixarão de cobrir-se de rubor nossas faces quando virmos que nossa moral e errada política é conhecida de todo o mundo civilizado!” Afirmava que a escravatura era inconciliável com a economia moderna. E a pobreza, o seria?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tetos de erva, paredes de pântano, nome de Vila e construção de aldeia – assim o Rio Grande era citado nas maledicências do soneto com o qual abrimos o texto. O desconhecido autor purgava seus pecados na cidade quase coberta de areia. No entanto, os ventos que traziam a areia não eram os mesmos que trariam o progresso, os vícios e as agruras que desenhariam a cidade moderna. Não só os cômodos de areia cresceriam na Vila do Rio Grande. Segundo Maria Luiza Bertulini Queiroz, por volta de 1811 e 1819, o número de habitações subiria de 269 para 348. Possuía três igrejas: a Matriz de São Pedro, a da Ordem Terceira de São Francisco e a de Nossa Senhora do Monte do Carmo, e a primeira escola da Vila foi implantada em 1822. ⁵³ Nos primeiros decênios do século XIX a Vila do Rio Grande de São Pedro transformara-se no principal centro de comércio – legal e ilegal – da Capitania. Os movimentos portuários intensificados com a dragagem do cais e a construção do porto, concluídas em 1823 determinaram o crescimento socioeconômico e a modernização da Vila. ⁵⁴ Assim cresceriam muitas das cidades do Rio Grande do Sul, rumo ao progresso da nova ordem capitalista,

R
E
V
I
S
T
A

D
E
H
I
S
T
Ó
R
I
A

